

# Pólo I: a estréia

Lançado com toda a pompa e circunstância o Pólo de Cinema quer Brasília em projeção nacional

GERALDINHO VIEIRA

Editor do Caderno 2

Ninguém da equipe do GDF parecia preocupado ontem com o atraso do governador Joaquim Roriz: a solenidade de assinatura de decretos e mensagens à Câmara Legislativa oficializando o Pólo de Cinema e Vídeo (leia página 3) não começou às 11h00 como estava cabalisticamente previsto. Os astros e os bruxos pediram dia 11 às 11h00, mas o governador chegou ao Clube dos Servidores Civis (Lago Norte) somente ao meio-dia. Com ele, Márcio Cotrim (o secretário), José Roberto Arruda (o chefe do Gabinete Civil), Márcia Kubitschek (a vice-governadora), Paulo Octávio (o empresário) e Ronaldo Monte Rosa (o presidente da Embratur, representando o presidente Collor), entre as principais autoridades.

No time de artistas — entre atores, diretores e produtores de cinema — todos os nomes possíveis do cinema nacional, de Cássia Kiss e Lúcia Veríssimo (as mais requisitadas pela imprensa e pelos fãs, até os maiores diretores do País, sempre mais anônimos, de Júlio Bressane a Walter Lima Jr e Eduardo Coutinho). Os televisivos, como Hugo Carvana e Tizuka Yamazaki, não precisam do cinema para serem notados. Batendo o ponto na história do Pólo de Cinema desde que nele se pensou, e sempre muito sorridente, Ana Maria Magalhães já se comportando como "brasiliense". Mas como mãe de peixe grande, peixe grande é, a presença de maior destaque foi Lúcia Rocha — mãe de Glauber. Sua filha, Paloma, estava mais preocupada com o cardápio do "buffet" que viria depois: ela é vegetariana com todos os dentes.

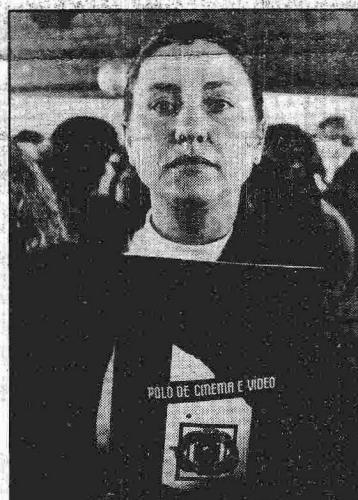
Antes de Joaquim Roriz chegar ao clube, que a partir de ontem é sede provisória do Pólo, um grupo do barulho entrou pelo salão com faixas e malabarismo do palhaço Pirulito. No meio do barulho, gente do governo e cineastas (também do governo?) não tardaram a reclamar: "O Pólo nem começou e já existe gente contra"? Pura paranoíta: o grupo pleiteava que o Pólo tivesse sua sede no Gama e não em Sobradinho ou Planaltina como se prevê. Daí por diante os "arruaceiros" passaram a ser tratados como convidados de honra — de honra e alívio — do governo.

Durante a série de discursos — falaram o governador, José Roberto Arruda, Neville D'Almeida e Geraldo Moraes —, os convidados (cerca de 300 pessoas) dividiram-se entre alguma atenção dada às fãs e às habituais fofocas cinematográficas dos bastidores (leia os flashes desta edição), como aquela do cineasta Antônio Carlos Fontoura que revelava a uma atriz da cidade preocupada com nossa crise de roteiro para cinema: "Nossa literatura é muito dispersa, agora só leio os norte-americanos". Ou ainda os olhares curiosos e os comentários maldosos sobre a moça que foi à solenidade fantasiada de "administração transparente", mostrando todas as contas e não economizando recursos, como se já estivesse pronta para filmar.

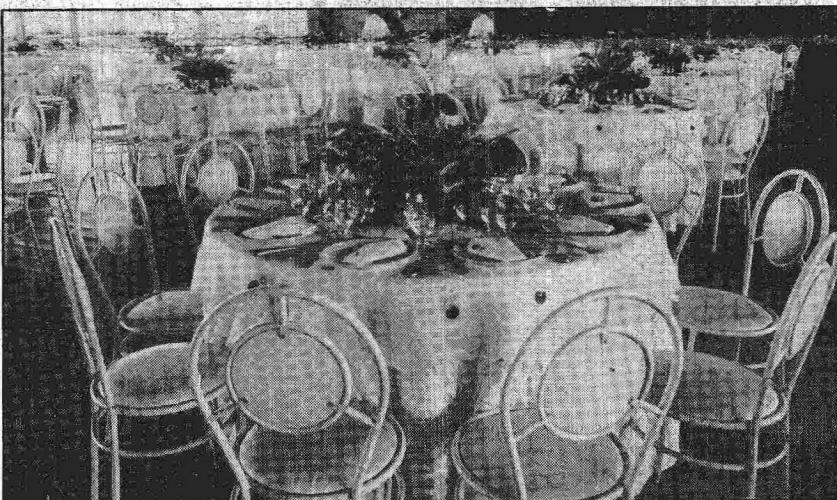
Entre os discursos dos cineastas, Neville D'Almeida — que já tem projeto de filmagem para apresentar ao Pólo, cujo título provisório é *O Testamento da Rainha Loura* — enfatizou que os Estados Unidos, o Canadá, a França e quase todos os países de cinematografia forte tiveram decisivo apoio ao Estado. O brasiliense Geraldo Moraes, por sua vez, apontou que pela primeira vez os papéis não eram os habituais: nem o Estado estava oferecendo mecenagem e nem os artistas estavam mendigando. Que ambos os lados procuraram juntos o caminho de desenvolvimento da arte a partir de um processo de consciência das necessidades sociais. Mas coloca uma questão que está bem longe



O palhaço Pirulito animou as reivindicações do Gama e acabou posando entre as autoridades



Kiss: dinheiro pro cinema



O banquete do cinema: cenário como manda o figurino



Ana Magalhães e L. Veríssimo



Carvana: reino por cerveja



Neville e Dona Lúcia

da retórica: "Estamos falando muito em infra-estrutura para a produção, mas todos os planos do passado foram demolidos pela falta de trabalho na área de distribuição do produto cinematográfico". Geraldo Moraes (de *A Difícil Viagem* e *O Círculo de Fogo*) participa da Comissão do Pólo de Cinema, criada pelo Conselho de Cultura do DF, que já na noite de ontem reuniu-se (pela segunda vez) para analisar os documentos assinados pela manhã.

**Vocação candanga** — Pode não ser um mecenas, mas Roriz é hoje o homem forte do cinema brasileiro enquanto a política cultural do ex-governador Orestes Querínia mantém-se presa a São Paulo. O tempo dirá, entretanto, se tanta festa e o prestígio de tantos cineastas sobreverão se o governador não quiser ser, de fato, o mecenas. E, antes disso, se governo e artistas estão mesmo dispostos a mudar, o enquadramento de suas relações. O lançamento do Pólo será uma boa oportunidade para termos a resposta. Por enquanto, o que se viu ontem foi a acomodada eupórica do projeto por parte dos artistas e produtores, mesmo

que alguns deles, como a atriz Cássia Kiss, disse: "Não sei o que é o Pólo, mas quando disseram que era grana pro cinema vim correndo".

O discurso do governador Joaquim Roriz, entretanto, remete a possibilidades menos óbvias. Roriz citou JK para dizer que Brasília deve ser polo de desenvolvimento e integração nacionais e propôs o Centro-Oeste como a grande opção de desenvolvimento. Repeliu os erros do passado e apontou como consequências as metrópoles inchadas. O governador, mais uma vez, fez questão de ligar a idéia do Pólo (como indústria não poluente) à necessidade de criação de frente de trabalho para os miseráveis que vieram para Brasília e que Roriz tirou das pontes e viadutos para criar o mais ousado, volumoso e disputado plano de assentamento do País. No discurso, o governador falou menos em dar dinheiro ao cinema e mais em criar estrutura de apoio social aos rejeitados sociais: "Se em cada grande cidade as elites abrem mão de um pedaço de chão para construir assentamentos como os que estamos implantando... podemos ter uma sociedade mais justa".

Sobre o Pólo, no contexto de seu

projeto político, Roriz foi enfático: "A vocação dessa cidade exige a implantação de uma indústria inteligente, a que gera empregos, gera recursos, dá retorno econômico, não polui — preserva, portanto, o meio ambiente — o que para nós é uma obsessão".

O governador agradeceu ao senador Darcy Ribeiro, que projetou para a UnB o primeiro curso de Cinema do Brasil; a Nelson Pereira dos Santos, Fernando Duarte e Vladimir Carvalho; que tocaram o projeto na UnB e agora o retomam. Por fim, agradeceu a presença de Lúcia Rocha, mãe de Glauber.

Com quase toda a bancada distrital presente à solenidade, e com todos os partidos representados (inclusive panfletando suas atividades apesar da inconveniência da circunstância), houve aprovação simbólica do projeto, que será oficialmente votado pela Câmara.

O cineasta Júlio Bressane (de *Matou a Família e Foi ao Cinema* e *Os Sermões*, entre outros tantos) deu a melhor definição da solenidade: "Já vi o cinema brasileiro ser expulso muitas vezes e de muitos lugares. Hoje ele foi convidado a entrar".

## Quadro a Quadro

### Dona Lúcia Rocha

Foi a musa inspiradora das raras palmas na solenidade. A mãe de Glauber demonstrava a todo instante que já está no limite com autoridades e promessas. A situação do *Templo Glauber* ainda é um belo espaço "um lindo casarão de histórias" como ela diz. Porém, dona Lúcia está angustiada por ser a guardiã de uma obra que segundo ela "não está morta nem é uma coisa de mãe". Glauber está presente e sua atualidade, hoje, é capaz de comover". Ela responde a processos (três) na Justiça do trabalho por problemas com os únicos ex-funcionários da Casa. Dona Lúcia pretende que as futuras produções (envolvendo indiretamente algum tipo de uso da obra de Glauber) destine um percentual para a Casa. Para o Pólo de Brasília ela coloca sua fé (com as ressalvas de quem peregrina pelos gabinetes) e desejará ver o trabalho contemplado "pela dimensão nacional da capital do País e pelo amor que Glauber tinha pela cidade, tendo aqui muitos amigos". Dona Lúcia vai hoje ao ministro Márcilio Marques tentar desbloquear o único financiamento que a Casa recebeu em toda sua história, dado pelo governo Sarney. É o próprio confisco do genio.

**Silvio Back** — Brasília acertou o passo com a modernidade. Este fato de se criar um polo de cinema que causa o dinheiro público com o da iniciativa privada é ótimo para o cinema. Sem dúvida essa idéia vai frutificar em outros Estados. O único êxito do governo Collor, até agora, nesses 14 meses, foi acabar com a Cultura, cortá-la cirurgicamente. Nesse momento um Governo Estadual abrir uma porta como essa devolve o caráter ao cineasta. O que mais me agrada nisso é que Brasília está saindo na frente, junto com os países desenvolvidos. Lá fora o Estado subsidia as duas pontas de uma sociedade: a agricultura, que é o estômago, e a cultura, que é o espírito".

**Alejandro Pelayo** — Cineasta mexicano (*Dias Difíceis e Morrendo no Golfo*): "Não há como fazer cinema de qualidade sem recursos. Os cineastas nacionais, aqui e no México, enfrentam uma luta desigual com os concorrentes internacionais. Por isso há a necessidade de apoio do Governo. Esse Pólo me parece um núcleo importante para gerar um novo movimento do cinema brasileiro, que deixou de existir nos últimos anos. Tanto o cinema brasileiro quanto o mexicano não podem desaparecer, porque senão morrem nossas culturas. Esse Pólo é o primeiro passo para a descentralização do Rio e São Paulo. Vemos aqui para dizer que somos latino-americanos, minha geração se formou juntamente com Glauber Rocha e Ruy Guerra, sou do período do Cinema Novo e queremos testemunhar o renascimento do cinema brasileiro, ver essa semente. Espero que a partir desse Pólo os brasileiros possam ter acesso ao cinema mexicano e vice-versa".

A atriz Arcelia Ramirez (*El Secreto de Romelia* e *A Mulher de Benjamim*) acompanhava Alejandro e esperava que o polo "não apenas produzisse mas tivesse um projeto de distribuição e promoção de filmes".

**Canapés** — Durante o coquetel, que se seguiu de um almoço, foram servidos canapés de salmão e alcaparras. As bebidas: Johnnie Walker e vinho branco nacional.

**Figurino** — No buffet, as mesas cobertas de toalhas de matelassê foram recobertas com toalhas de organza, mesmo tecido dos guardanapos. No menu: filé ao molho madeira; lombo com aipo; enroladinho de frango e maçã e panquecas recheadas de espinafre. Como manda toda "festa de Babette" que se preze, no final foram servidos, após o cafêzinho, licores italianos variados.

**Tiete** — Ana Maria Magalhães era quem punhava as palmas, durante o discurso do governador Roriz.

**Lourissima** — Enquanto os discursos não começavam e nada era servido, o ator e diretor Hugo Carvana soltava mais uma de suas máximas: "Meu reino por uma cerveja".

**Casa cheia** — Era tanta gente, que o governador Roriz gastou cinco minutos só para nominar os presentes. A seguir o governador iniciou uma longa enumeração genérica dos profissionais envolvidos no fazer cinematográfico. Só faltou terminar com "enfim, a todos os espectadores de cinema aqui presentes".

**Participaram da cobertura: Tete Catalão, Rodrigo Leitão e Marco Túlio Alencar**